

ATITUDES E CONCEPÇÕES LINGUÍSTICAS E A MANUTENÇÃO DO ALEMÃO EM AGUDO

SIRLEI SCHUMACHER¹; MARIA NILSE SCHNEIDER²

¹Universidade Federal de Pelotas – *sissa-schumacher@hotmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *nilse_schneider@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este estudo foi realizado no município de Agudo, localizado na região central do Rio Grande do Sul a cerca de 250 quilômetros de Porto Alegre. Este município possui 16.722 mil habitantes, segundo o último censo em 2010, e suas principais atividades econômicas giram em torno da agricultura como a plantação de arroz, tabaco e moranguinho.

Sua população é preponderantemente descendente de alemães, sendo que os primeiros colonizadores vieram da Pomerânia, em 1857, e da Boêmia, em 1876 (WERLANG, 1995).

Atualmente, no entanto, não se fala mais Pomerano em Agudo, porém no município preserva-se a cultura alemã através do uso de diferentes variedades alemãs (alemão padrão e *Hunsrückisch*) pelos descendentes de imigrantes e de atividades culturais oferecidos à comunidade. Além disso, o alemão padrão faz parte do currículo do ensino fundamental em quatro escolas municipais e uma particular.

Na comunidade de Agudo, tem-se um contexto diglótico, isto é, os falantes alternam e misturam as variedades alemãs (*Hochdeutsch* e *Hunsrückisch*) e o Português de forma funcional e segundo suas intenções comunicativas e o contexto social. Na alternância e mistura de códigos observa-se “a inserção de um simples elemento, ou de um item parcial, ou de frases inteiras” (BORSTEL, 2003).

As atitudes linguísticas em relação ao uso diglótico das diferentes variedades em contato ora revelam a identificação com o uso alternado das línguas em contato e ora observam-se preconceitos em relação às variedades dialetais e/ou línguas minoritárias.

Neste estudo, entendemos atitudes linguísticas como um indicador avaliativo baseado nas vivências e experiências culturais significativas para os falantes, e construídas segundo suas intenções comunicativas na interação social (SCHNEIDER, 2007). Assim sendo, atitudes podem ser contraditórias, pois o indivíduo (re)negocia identidades étnicas e sociais na e pela interação e ora acentua e/ou encobre uma ou outra identidade (SCHNEIDER, 2007). Além disso, destacamos que as atitudes e concepções linguísticas sofrem influências externas, através dos meios de comunicação em massa e dos sistemas educacionais e políticos (HALL, 2011).

Os principais objetivos deste estudo são investigar atitudes e comportamentos (sócio)linguísticos, em relação à manutenção das variedades alemãs; contribuir para a desconstrução de preconceitos linguísticos, relacionados às línguas de imigração alemã; dar visibilidade às variedades alemãs e fomentar o bilinguismo societal presente no município de Agudo.

O estudo de atitudes linguísticas é muito importante para conscientizar a população acerca da importância de usar e fomentar as línguas de imigração, através das práticas sociais e de políticas linguísticas locais para retardar o seu desaparecimento. Isto requer o engajamento dos órgãos municipais e das escolas

no sentido de promoverem atividades que fomentem a consciência sociolinguística, reflexões político-linguísticas e o bilinguismo societal.

2. METODOLOGIA

O estudo em questão está vinculado ao projeto de pesquisa O contato linguístico e o ensino e aprendizagem de línguas, coordenado pela professora Maria Nilse Schneider na UFPel. A pesquisa foi realizada no início do ano de 2013 com moradores da própria comunidade. Na geração e análise dos dados foram realizadas 12 entrevistas individuais, a partir de um questionário sociolinguístico, com falantes de variedades alemãs, divididas em 3 faixas etárias. A) 15 – 30 anos; B) 30 – 45 anos e C) 45 – 65 anos, sendo que em cada faixa etária 2 falantes são do gênero feminino e 2 do masculino, e 2 com ensino superior e 2 sem ensino superior.

Neste resumo, em virtude do curto espaço, analisamos apenas 4 das 7 questões do questionário aplicado: 01) *Que variedade de alemão vocês falam aqui?*; 02) *Com que frequência você fala em alemão? Com quem e onde você mais fala? E onde você não fala?*; 03) *Qual sua opinião sobre aprender a falar o alemão da nossa comunidade?*. 04) *Você tem filhos? Você os ensinou a falar em Alemão?*. Para preservar a identidade dos sujeitos utilizamos pseudônimos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação à primeira questão analisada, que diz respeito à variedade alemã falada no município, os entrevistados com um maior grau de instrução afirmaram que falam a variedade padrão da língua alemã (*Hochdeutsch*), conforme mostra este comentário: *“A maioria das pessoas que ainda fala alemão aqui em Agudo, e eu me incluo nisso, fala o Hochdeutsch.”* (Ricardo) Por ser uma variedade muito próxima ao alemão padrão, eles podem estar equivocados ou mesmo com vergonha de dizer que falam um dialeto, pois pesquisas mostram que a variedade predominante em Agudo é o *Hunsrückisch* (ver ALMA-H), uma variedade do *continuum* muito próxima do alemão padrão, pois em Agudo prevalece o uso de ‘das’ e ‘was’, característico de uma das variedades hunsrückianas.

Na questão relacionada à frequência com que os falantes utilizam as variedades alemãs, os resultados indicam que estas estão sendo faladas cada vez com menor frequência, pois na geração A o item ‘raramente’ aparece com mais frequência nas respostas dos entrevistados; já nas gerações B e C, o item ‘frequentemente’ aparece mais vezes.

Em relação à terceira questão, as respostas dos entrevistados, sobre aprender a língua local (*Hunsrückisch*), apontam para a importância do conhecimento do alemão para conseguir emprego no município, conforme desvela este comentário: *“As pessoas do comércio procuram pessoas que sabem falar a língua alemã.”* (Silvia) Outros, ressaltaram a ideia de intercâmbios culturais, viagens ligadas à ideia de mudar de vida na Europa e que o conhecimento de outras línguas ajuda a atravessar fronteiras como mostra o comentário de João: *“As fronteiras, o mundo é um grande bloco único e está cada vez mais viável para as pessoas irem para a Alemanha, para a Europa, para intercâmbios, para estudos ou para viver. Bem, não custa nada, é de graça, a mãe ensina, os pais podem ensinar a língua que poderá abrir portas.”* Outros ainda, ressaltaram que ensinar a língua é o primeiro passo para manter viva a língua e cultura alemãs e que sentem orgulho de sua origem como

revela o comentário de Miguel, por exemplo: *“A gente precisa preservar e manter a nossa cultura com muito orgulho e dedicação.”*

Quanto aos resultados da quarta questão, os entrevistados desvelam que a maioria dos participantes com filhos ensinaram o alemão apenas um pouco e alguns dos que não têm filhos disseram que se tivessem os ensinariam. Aqui, no entanto, é preciso destacar que, em geral, o meio e aspectos político-linguísticos influenciam mais as atitudes e os comportamentos linguísticos do que a vontade dos pais de manterem a língua e cultura alemãs. Maria, por exemplo, afirma que não ensinou o alemão aos seus filhos, porque *“seu marido não fala em alemão”* e porque sua mãe um dia lhe disse: *“não vamos assim sacrificar as crianças, claro que não seria sacrifício, mas afinal, nós estamos no Brasil, então eu também posso aprender o português.”* Este comentário aponta para a proibição do alemão durante o Estado Novo e suas consequências catastróficas no ensino de línguas estrangeiras, pois parece não querer que seus filhos passem pelo mesmo trauma que ela e sua mãe passaram na época.

4. CONCLUSÕES

Em suma, destacamos a importância de se investigar atitudes linguísticas através da pesquisa de campo, para mostrar que ainda existem pessoas preocupadas em retardar o desaparecimento das línguas de imigração. O contato com os entrevistados foi facilitado pelo fato de a entrevistadora ser moradora local, e isso resultou em conversas menos policiadas e resultados mais fidedignos.

Concluimos que, as atitudes e concepções linguísticas dos entrevistados expressam identificação com a língua e cultura alemãs e o desejo de preservar suas raízes culturais. No entanto, alguns entrevistados, apesar de sentirem orgulho de suas origens, não sabem o nome das variedades alemãs faladas no município e acreditam que todos falam alemão padrão, e grande parte dos pais não mais ensina o alemão aos seus filhos, não por escolha, mas devido à influência dos meios de comunicação (exemplo, a televisão e a internet) e da escola. Porém, algumas escolas se preocupam com a preservação dessas variedades, pois apesar da falta de empenho e interesse dos órgãos municipais em prover professores para atender todas as escolas da rede municipal, a população está preocupada em preservar a língua e cultura alemãs.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORSTEL, C. N. V. **Identidades étnicas e situações de uso de línguas.** In: SAVEDRA, M.S., HEYE, J. (orgs.). Línguas em contato. Palavra. n.11, RJ: Editora Trarepa, p.134-145, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** DP&A editora, 2011.
- SCHNEIDER, M. N. **Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul.** 2008. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- WERLANG, W. **História da Colônia de Santo Ângelo.** Santa Maria: Palloti. 1995.
- In: WIKIPEDIA. Agudo. Acessado em 25 de março de 2013. Online. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Agudo>.

IBGE. **População**. Acessado em 04 de abril de 2013. Online. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430010&search=rio-grande-do-sul|agudo>.

UFRGS. **Projeto Alma**. Acessado em 20 de março de 2013. Online. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/projalma/index.html>.